

A EDUCAÇÃO SALESIANA NA EMERGÊNCIA DA BURGUESIA BRASILEIRA

*Riolando Azzi**

Ao longo das quatro primeiras décadas de presença no Brasil, os religiosos salesianos fundaram diversos tipos de obras, onde puderam exercer seu projeto educativo: os oratórios festivos, as escolas profissionais e agrícolas e, com maior destaque, os colégios, com suas diversas repartições de externato, semi-internato e internato.

Não é minha intenção neste estudo analisar em detalhe a estruturação dessas diversas instituições educativas; nem tão pouco pretendo deter-me no enfoque das várias modalidades de instrução oferecidas por esses estabelecimentos, como artes e ofícios, ensino comercial, ensino primário e secundário. Já tive oportunidade, aliás, de traçar um quadro sintético da implantação da obra salesiana no Brasil¹.

A abordagem deste artigo tem uma finalidade específica: desejo colocar em evidência algumas características da educação salesiana, e ao mesmo tempo assinalar a contribuição por ela oferecida, seja para a formação da sociedade urbana e burguesa emergente, seja para a consolidação do Estado leigo, com sua inspiração positivista e liberal.

Como marco inicial do estudo foi escolhido o ano de 1883, quando ano foi fundado o Colégio Santa Rosa em Niterói, a primeira obra salesiana no país.

O ano de 1922, centenário da Independência, no qual foi celebrado o Congresso Eucarístico do Rio de Janeiro, passou a constituir o marco conclusivo. É evidente que essas datas tem apenas um valor simbólico, dada a profunda concatenação e imbricação dos eventos e dos aspectos históricos aqui assinalados, com os períodos anteriores e posteriores..

Com esse objetivo, o estudo será direcionado para os seguintes temas: educação física, educação moral, educação cívica, educação artística, educação para a urbanidade e para o progresso. As orientações de Dom Bosco relativas a esses diversos tópicos serão colocadas em destaque, pois serviram de base para a atuação

* Pesquisador de história da Igreja, especialmente da vida religiosa; docente emérito na Universidade de Lorena (SP) e na Federal do Rio de Janeiro, ambas no Brasil.

¹ Riolando AZZI, *Implantação e desenvolvimento inicial da Obra Salesiana no Brasil (1883-1908)*, em Francesco MOTTO, *Insedimenti e iniziative salesiane dopo Don Bosco: saggi di storiografia*. Roma, LAS 1995, pp. 505-521.

pedagógica dos salesianos nos colégios do país. Esses diversos aspectos, por seu turno, apresentam-se entrelaçados, constituindo uma verdadeira teia, cuja textura serve de indicação a respeito das características da cidadania brasileira. Não obstante, como finalidade didática, cada um desses elementos receberá um enfoque especial.

1. Educação física

Um antigo adágio romano afirmava que uma mente saudável pressupunha um corpo sadio. Os salesianos mantiveram-se fiéis a esse axioma. Oferecer condições favoráveis para um adequado desenvolvimento físico dos alunos constituiu uma das atuações significativas dos discípulos de Dom Bosco no país.

Esse enfoque era sobretudo importante, levando-se em conta a precariedade das condições de saúde até então existentes nos centros urbanos. Na realidade, ao promover o bem estar físico dos alunos, os salesianos entravam em plena sintonia com o movimento dos médicos, preocupados em inculcar na população brasileira as normas referentes à higiene e aos cuidados do corpo.

1.1. *A higiene pessoal dos alunos*

Ao iniciar sua obra educativa em Turim, D. Bosco passou a privilegiar a educação física dos garotos que vinham da área rural para fixar residência na capital do Piemonte. Percebeu logo a importância de oferecer a esses meninos algumas orientações de higiene pessoal, em seguida fixadas no regulamento proposto para os colégios salesianos.

Ao redigir o texto do *sistema preventivo na educação da juventude* D. Bosco dedicou um capítulo especial à «educação física e higiene», com a seguinte recomendação: «ensinem-se aos alunos as regras elementares de higiene pessoal e procure-se habituá-los ao asseio no corpo e nas roupas»².

Por seu turno, no *Regulamento das casas*, destinado aos alunos, encontra-se também um capítulo específico sobre «o asseio», onde são apresentadas diversas normas práticas. Como ponto de partida é recomendado aos meninos «prezar muito o asseio». São assinalados diversos cuidados corporais: todas as manhãs os alunos devem «lavar as mãos e o rosto, quer por causa da vossa saúde, quer para não causar nojo aos outros»; além disso, devem lavar e escovar os dentes diariamente: «o asseio conserva-os bons, preserva-os da cárie e impede o mau hálito». Da mesma forma, todas as manhãs devem «pentear o cabelo», a fim de conservar «a cabeça mais limpa»; recomenda-se o uso de «cabelos bem aparados». É também importante «lavar os pés com freqüência, especialmente no verão»³.

² *Regulamentos da Sociedade Salesiana*. Turim, SEI 1927, pp. 69-70.

³ Giovanni BOSCO, *Regulamento das casas da Sociedade de S. Francisco de Sales (para os alunos)*. São Paulo, Escolas Profissionais do Liceu Coração de Jesus 1927, pp. 20-21.

Nos Colégios dirigidos pelos discípulos de D. Bosco essas diversas regras de comportamento higiênico eram seguidas fielmente.

Os educadores salesianos, portanto, consideravam como elemento fundamental de seu projeto educativo inocular no ânimo dos meninos as normas de higiene pessoal.

1.2. *Exercícios físicos*

Além da higiene pessoal, os médicos passaram também a prescrever exercícios físicos para a preservação da saúde, e o próprio exército se transformou num polo difusor da prática da ginástica.

Quando os salesianos se estabeleceram no Brasil, trouxeram da Itália uma série de jogos para recreio dos alunos, geralmente baseados em disputa de corridas. Já nas primeiras décadas do século XX, sob a influência militar, passaram a adotar também a ginástica sueca.

Essas manifestações de ginástica tinham o seu ponto alto nas principais solenidades do ano escolar. Mas eram também realizadas por ocasião de excursões especiais, como deixou registrado o padre Estevão Trione ao visitar as obras salesianas do Brasil em 1913:

«Em São Paulo vi a excursão desportiva dos 300 alunos de Campinas que, recebidos e acompanhados pelos de São Paulo, percorreram, em uniforme de gala, a rua principal da cidade, fazendo na praça mais ampla exercícios de ginástica que foram muito vitoriosos.

Em Niterói aguardava-me uma grata surpresa: um passeio gímnico-militar. Nem mais nem menos. Os 500 internos, com seu elegante fardamento, foram repartidos em diversos distintos grupos [...] Depois seguiram para o comboio, que os levou à meta do passeio. Ai comeram e passaram o dia, fazendo esplêndidos exercícios gímnicos, e à noite voltaram triunfalmente para o colégio»⁴.

Em diversas oportunidades, esses exercícios de ginástica eram também acompanhados de saltos de acrobacia. Na festa realizada no Liceu de São Paulo, em 29 de junho de 1920, encontram-se as seguintes referências:

«A festa ginástico -militar correu muito bem. Merecem, porém, particular menção as evoluções militares e os saltos acrobáticos. Foi condecorado o aluno Francisco de Paula Conceição, o mais distinto da turma dos acrobáticos, e difíceis saltos constituíram um dos mais belos números do programa, graças à competência do professor J. A. Leite»⁵.

É evidente que a participação desses exercícios mais complexos era reservada aos alunos maiores e mais treinados.

⁴ BS 6 (1914) 161.

⁵ *O Liceu*, São Paulo, agosto-setembro de 1920, p. 11.

Já nos primórdios do século XX o futebol foi introduzido no Liceu Coração de Jesus em São Paulo, assinala Manoel Isaú:

«O Liceu possuía uma Liga Colegial de Futebol, que parece ser anterior a 1904. Compreendia os seguintes times: Sport Club São José, dos aprendizes maiores; Sport Club Liceu, dos aprendizes menores; Sport Club São Luís, dos estudantes maiores; Sport Club Aurora, dos estudantes menores, e Associação Esportiva Santa Cruz, dos estudantes externos. Em 6 de outubro de 1912 foi fundado o Sport Club Domingos Savio do Oratório Festivo»⁶.

No Colégio Salesiano do Recife aparecem referências aos clubes de futebol já em 1912, e nas Escolas Dom Bosco de Cachoeira do Campo em 1920.

Numa conferência publicada em 1918, o autor salesiano enaltecia os resultados da escola católica, exatamente pela sintonia com o sistema moderno de educação física, assinalando: «como disputam e ganham prêmios em todo o gênero de desporto e recreação moderna, os alunos por esse espírito formados»⁷. A promoção da educação física constituía um verdadeiro cartão de visitas dos colégios salesianos.

Ao se estabelecerem em São Paulo em 1885, os primeiros salesianos causaram estupor ao clero paulista ao juntar-se aos meninos, participando de seus jogos e brinquedos no Oratório Festivo. Um reverendo cônego manifestou seu protesto contra a atitude do padre Giordano por «igualar-se aos moleques de rua», não levando em conta a «dignidade da batina»⁸.

Os salesianos, por conseguinte, apresentavam-se com um novo estilo de ser sacerdotes e educadores católicos.

O pátio era considerado o lugar por excelência onde o menino podia gastar livremente suas energias correndo e brincando, em plena liberdade; por isso esse espaço de forma alguma podia ser acanhado. Augusto de Lima Junior evoca os recreios nas Escolas Dom Bosco de Cachoeira do Campo:

«O pátio enchia-se com colegiais em recreio, correndo em partidas, de um para outro lado, barulhentos, alegres, movimentados. Formavam-se grupos em torno de padres e leigos que participavam dos folguedos, identificados todos na mesma alacridade que era a nota do ambiente»⁹.

Nas norma referentes ao «sistema preventivo na educação da juventude» existe um capítulo específico sobre «educação física e higiene», no qual D. Bosco re-

⁶ Manoel ISAÚ, *Liceu Coração de Jesus: cem anos de atividade de uma escola, numa cidade dinâmica em transformação*. São Paulo, Ed. Salesiana Dom Bosco 1985, p. 189.

⁷ *Aos Pais e Educadores. Notas e Apostilas Educativas*. Niterói, Escola Tip. Salesiana 1918.

⁸ Luiz MARCIGAGLIA, *Os salesianos no Brasil*. São Paulo, Livraria Ed. Salesiana 1955, v. 2., p. 40.

⁹ Augusto DE LIMA JUNIOR, *Mansuetude: educação cristã*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara 1932, pp. 20-21.

comenda: «façam-se os recreios ao ar livre; não sejam demasiado longos, e prefiram-se os jogos que põem em movimento toda a pessoa»¹⁰. Além do divertimento, o santo educador tinha sempre em mente o bem estar físico a ser obtido pela recreação.

1.3. *Ambientes saudáveis*

A fim de atrair a atenção dos pais, os salesianos procuraram enfatizar a boa localização de seus estabelecidos educativos. Nos estatutos e folhetos de propaganda, um dos itens valorizados na apresentação do colégio é o fato de situar-se numa localidade de clima saudável.

Nos estatutos do Colégio São Joaquim de Lorena, publicados em 1909, encontram-se os seguintes dados:

A situação topográfica do Ginásio São Joaquim oferece esplêndidas e raras vantagens aos seus alunos.

«O Ginásio acha-se construído na melhor localidade de Lorena, muito próximo à estação, porém bastante isolado da vida turbulenta própria das cidades, gozando de toda a tranqüilidade necessária a quem se dedica seriamente aos estudos. Dos vários pontos do estabelecimento descortinam-se panoramas encantadores»¹¹.

Não era apenas a localização privilegiada do estabelecimento educativo que era colocada em destaque. Valorizava-se também a própria construção do prédio, realizada dentro das orientações médicas da época:

«O edifício, de construção sólida e artística, consta de dois andares, com vastos e arejados dormitórios no segundo andar, espaçosos salões para estudo e aulas, ótimos banheiros, e com todas as demais repartições, traçadas e dirigidas sob os moldes da estética e da higiene»¹².

Análogas são as referências às Escolas Dom Bosco de Cachoeira do Campo elencadas nos Estatutos publicados em 1918.

Em artigo publicado em 1919, o periodista do *Correio Paulistano* enfatizava que o Liceu de São Paulo estava a cargo de «diretores de reconhecida orientação pedagógica e, principalmente, devotado amor à causa do ensino», e que esse colégio salesiano sempre ocupava lugar de destaque na cidade, «pela perfeita organização do ensino», com destaque para «a adoção de todos os requisitos garantidores de constantes condições higiênicas, e excelente estado sanitário na vida interna daquele pequeno mundo»¹³.

¹⁰ *Regulamentos da Sociedade Salesiana*. Turim, SEI 1927, p. 69.

¹¹ *Estatuto do Ginásio São Joaquim*. Lorena, 1 de dezembro de 1909.

¹² *Ibid.*.

¹³ *Correio Paulistano*, São Paulo, 5 de junho de 1919.

Pode-se, portanto, afirmar que os salesianos, como educadores da juventude, mostraram-se bastante sintonizados com o discurso médico sobre a necessidade de criar condições saudáveis para o desenvolvimento físico das crianças e dos jovens.

1.4. *Passeios e excursões*

O passeio, portanto, era considerado como um instrumento destacado para promover o bem estar físico dos alunos. Nesse sentido, D. Bosco dava ainda algumas normas complementares: «o passeio não seja uma corrida»; «os passeios ordinários sejam de hora e meia, e nunca excedam de duas»¹⁴. Além de constituir uma forma de lazer, o passeio era também destinado a promover a saúde dos meninos.

Por sua vez, nas «normas para a aplicação do sistema preventivo» os superiores da congregação retomavam o mesmo tema:

«Semanalmente tenham os alunos um passeio de cerca de duas horas. Os passeios extraordinários preferivelmente se dêem a pé, segundo o exemplo de D. Bosco e as recomendações dos seus sucessores, observando-se, sem embargo, quanto a tal propósito prescreve ou aconselha a higiene»¹⁵.

Em outras palavras, o educador católico entrava em plena sintonia com as recomendações dos médicos, para os quais o exercício físico, para ser proveitoso para a saúde, não deveria nunca ser realizado por um período considerado excessivo.

A norma dos passeios semanais foi sempre mantida fielmente nos diversos colégios salesianos. Eram realizados nas manhãs das quintas-feiras, não havendo aulas nesse dia de semana.

Os superiores do Colégio Santa Rosa procuraram ainda tornar a vida dos alunos mais saudável através da inauguração, a 10 de dezembro de 1897, de um caminho para subir a colina que se ergue atrás do estabelecimento, devia ser percorrido diariamente, sob a denominação de *Passeio Higiênico*. Em apontamentos sobre a atividade do diretor padre Luiz Zanchetta, encontra-se a seguinte nota a respeito:

«Introduziu o Passeio Higiênico, assim denominado pela utilidade que trazia para a saúde dos meninos. Pela manhã, acabando de tomar café, todos os salesianos e alunos, formando cada divisão um grupo, subiam por um caminho de zigue-zague muito suave; em seguida desciam»¹⁶.

O cronista prossegue afirmando que «os meninos subiam alegres pela encosta da colina, exercitavam-se na ginástica natural, respiravam o ar oxigenado das

¹⁴ G. BOSCO, *Regulamento das casas...*, p. 25.

¹⁵ *Regulamentos da Sociedade Salesiana*. Turim, SEI 1927, p. 70.

¹⁶ *Arquivo da Inspeção S. João Bosco*, Belo Horizonte.

árvores que embelezam a colina». E concluía: «com que saudades os ex-alunos daquele tempo recordam o passeio higiênico!»¹⁷.

Para D. Bosco, entretanto, havia ainda uma outra dimensão a ser obtida nos passeios: ensinar os meninos a se comportarem de modo adequado também fora de casa. Por isso, dava os seguintes avisos:

«Nunca aponteis com o dedo para quem quer que seja, não deis gargalhadas, não atires pedras, nem tão pouco vos divirtais em pular muros e valas. Tudo isto são indícios de má educação. Deveis usar de bons modos, ser modestos no olhar e graves no andar. Por causa de um único desmiolado pode ficar envergonhada toda a divisão»¹⁸.

Em síntese, os cuidados de saúde deviam ser mantidos em plena sintonia com as normas referentes à boa educação, ou seja, à formação moral.

2. Educação moral

Paralelamente à preocupação com o bem estar físico, o conceito de disciplina, como regra moral, constituiu outro elemento fundamental na estruturação da vida urbana. Também sob esse aspecto os salesianos colocaram-se em sintonia com os valores éticos da sociedade burguesa emergente.

2.1. Normas de bom comportamento

Com a finalidade de contribuir para a adaptação dos alunos à ordem social em vigor, estes eram exercitados ao longo do período escolar a inserir-se na estrutura organizacional do colégio.

Nas «normas gerais para a aplicação do sistema preventivo» editadas pelos salesianos, o primeiro capítulo destinado à «educação moral» é aberto com a seguinte prescrição: «no princípio do ano, faça-se com que os alunos conheçam o próprio Regulamento, mediante sua leitura em forma solene, diante de toda a comunidade».

O Regulamento das casas salesianas redigido por D. Bosco é um verdadeiro código de boa conduta. Nele são apresentadas diversas normas exigidas para a convivência social na comunidade escolar. Existem capítulos específicos referentes ao «comportamento na aula e no estudo», ao «comportamento para com os superiores», bem como sobre o «modo de se portar com os colegas». Trata-se de um código de ética para a vida colegial.

É estabelecida a prioridade em termos escolares: «a primeira ocupação de consistir e fazer o trabalho de obrigação e estudar a lição». Cada aluno deve manter em ordem e limpeza o próprio lugar de estudo: «cuidai muito dos livros,

¹⁷ *Ibid.*

¹⁸ G. BOSCO, *Regulamento das casas...*, pp. 23, 25.

cadernos e tudo quanto for de vosso uso; não façais neles garatujas, e nem tão pouco os estragueis»; recomenda-se também que não joguem papel «debaixo das carteiras e dos bancos». Nas aulas é exigido respeito ao professor, e atenção aos seus ensinamentos: à sua chegada, os alunos devem levantar-se.

«Durante a explicação, evitai o mau costume de cochichar, de desenhar figuras no livro, fazer bolinhas de papel, recortar o banco, fazer gestos inconvenientes de admiração pelo que ouvirdes, e muito menos ainda dar demonstrações de desgosto ou aborrecimento pela explicação. Nunca interrompais a explicação com perguntas importunas, e se fôrdes interrogados, levantai-vos prontamente e respondei sem precipitação e sem demora».

Em plena sintonia com a nova concepção de sociedade urbana, os alunos aprendiam no pequeno mundo escolar que todas as suas ações diárias deviam ser pautadas pelas normas estabelecidas pelo regulamento do Colégio.

2.2. *A organização das filas*

Na medida em que o número de matrículas crescia, passaram a ser adotadas nos colégios as filas, afim de facilitar a locomoção dos alunos de um ambiente para outro. Esse sistema já existia em outras instituições de ensino.

É importante destacar que, sobretudo nos internatos salesianos, a fila passou a ser considerada como instrumento indispensável para a manutenção da ordem e da disciplina colegial. Os alunos se locomoviam sempre de um local para outro em duas filas que caminhavam lado a lado. Já desde os primeiros dias da chegada no colégio, os assistentes determinavam a cada aluno o lugar permanente que deveria ocupar na fila, tendo como critério básico a respectiva altura, conjugada com a idade. A fila era organizada tendo sempre na frente os alunos menores e de menos idade, seguindo os maiores atrás.

De manhã cedo, antes de deixar o dormitório, os meninos eram colocados em filas antes de dirigir-se para a capela. Lá chegando, entravam em fila para colocar-se nos respectivos lugares. À saída da capela, os alunos caminhavam em fila para o salão das refeições, onde tomavam o café da manhã. Daí saíam em fila para os respectivos pátios, onde tinham um breve período de recreio. Ao final da recreação, atendendo ao devido chamado, de novo formavam as filas, e se dirigiam ao salão de estudo. Mais tarde, também em fila, os alunos deslocavam-se para as respectivas aulas. A cada troca de ambiente, as filas eram organizadas. Assim sendo, parte significativa do tempo diário dos alunos era passada na formação de filas

Essa rotinização mecânica de permanência nas filas acabava gerando em muitos alunos uma sensação de tédio, indiferença ou fastígio, e criando em quase todos uma forma de comportamento autômato.

Sem dúvida, as filas constituíram nesse período um poderoso instrumento para inocular no ânimo dos jovens o espírito de ordem e disciplina. Ao mesmo tempo, por outro lado, diminuía-se o espaço da iniciativa própria e da criativi-

dade. Em suma, o princípio básico era que cada um devia manter-se sempre na posição que lhe fora reservada pelos encarregados de manter a regularidade na vida colegial.

2.3. *Vigilância e controle*

Não bastava apenas inocular nos jovens as normas de boa conduta no colégio. Era necessário também estabelecer um sistema de vigilância para que elas fossem plenamente observadas. No Regulamento para os alunos, D. Bosco já havia definido alguns desses elementos a serem utilizados para reforçar o controle do comportamento dos alunos.

«No estudo haverá um assistente que é responsável pelo comportamento de cada um, tanto na freqüência, como na aplicação aos estudos. Em cada fileira do estudo haverá um decurião, e um vice-decurião para auxiliarem o assistente»¹⁹.

Era também vetada a ida de qualquer aluno ao dormitório durante o dia sem licença especial, e essa proibição era regra absoluta para pessoas externas. Na mente do educador piemontês, era importante manter a vigilância sobretudo em ambientes que poderiam oferecer algum risco à educação moral dos alunos:

«Todos os lugares que possam oferecer perigo à moralidade fiquem bem observados e iluminados. Haja vigilância na barbearia, enfermaria, sacristia, e outros lugares onde tem entrada os meninos. Os diversos ambientes, fora do tempo em que estão ocupados pelos alunos, conservem-se fechados, ficando a chave com um Superior»²⁰.

Na própria correspondência enviada ou recebida pelo alunos, ficava a critério do superior utilizar um controle de censura, se julgasse necessário²¹.

Essa vigilância devia ser permanente, mesmo quando os jovens começam a desabrochar na idade, sonhando com «o paraíso de felicidade naquilo a que sua natureza ou sua fantasia os impele»; daí a exortação de um conferencista salesiano:

«Afrouxar as rédeas à juventude, quando ela vai adiantada nos anos? Ah! Este é um erro desastroso e fatal, e o céu nos livre de cair nele! [...] É forçoso que a vigilância continue, que se torne mesmo mais assídua, mais amorosa, mais presente, se assim nos podemos exprimir»²².

Fiel aos ensinamentos de D. Bosco, o autor não deixa de insistir, entretanto, para que esse controle assumia sempre uma característica amorosa.

¹⁹ G. BOSCO, *Regulamento das casas...*, p. 14.

²⁰ *Regulamentos da Sociedade Salesiana...*, p. 62.

²¹ G. BOSCO, *Regulamento das casas...*, p. 22.

²² *Aos Pais e Educadores. Notas e Apostilas Educativas*. Niterói, Escola Tip. Salesiana 1918, pp. 10-11.

3. Educação polida

As boas maneiras passaram a constituir um dos elementos formadores da sociedade urbana em afirmação. Uma perspectiva análoga foi transplantada para o Brasil. Os salesianos, por sua vez, incorporaram a noção de polidez em sua atividade educacional.

3.1. *Da rusticidade para a polidez*

Na preparação para o ingresso na sociedade urbana brasileira um elemento importante eram as aulas de boas maneiras ou urbanidade. Os meninos deviam perder os hábitos de rusticidade, e aprender a ter modos polidos, ou seja, mostrarem-se sempre com boas maneiras em sua conduta. Recomendava-se um modo de vestir adequado, atitudes decentes e uso de linguagem correta, deixando de lado as expressões da roça.

No Brasil, a instituição católica tornou-se forte aliada do Estado no esforço de introduzir os novos conceitos de civilidade, sobretudo entre a juventude. Sob esse aspecto, merecem destaque especial os compêndios de civilidade ou urbanidade publicados por autores católicos em décadas sucessivas.

A redação do primeiro compêndio de civilidade, na esfera católica, coube a Dom Macedo Costa, bispo do Pará, ainda em fins do segundo reinado. Os salesianos utilizaram esse compêndio nas aulas de educação cívica.

Em 1932 os maristas publicaram na coleção de livros didáticos FTD o *Pequeno Manual de Civilidade para uso da mocidade*, editado pela Livraria Francisco Alves do Rio de Janeiro. Esse texto passou a ser adotado pela maioria dos colégios católicos, e teve também plena aceitação entre os salesianos.

Desde as primeiras páginas, o autor faz questão de colocar em evidência a importância da urbanidade como um componente importante do modo de agir da nova burguesia que se instalava nas cidades brasileiras:

«O termo *civilidade* deve sua origem ao conceito de *cives*, cidadão, habitante da cidade, onde o homem é geralmente mais culto, e mais elegante nos modos. *Polidez* formou-se do grego *polis*, que significa também cidade. *Rusticidade* aplica-se em geral ao habitante das aldeias, do latim *rus*, porque, na vida isolada da roça, o homem não sente, como os cidadãos, a necessidade do estudo e do aperfeiçoamento dos modos com que se trata o próximo. A civilidade irmana-se com a civilização; ambas procuram suavizar os costumes humanos, tornar a vida mais agradável»²³.

Dessa forma, durante o período escolar os meninos aprendiam os diversos modos de comportamento exigidos pela sociedade urbana nas circunstâncias mais variadas. Grande parte dessas regras foram trazidas da Europa, onde desde

²³ *Pequeno Manual de Civilidade*, 1932, p. 12-13.

muito a burguesia já conquistara seu espaço social, competindo com a antiga nobreza em termos de afirmação e prestígio. A aparência pessoal era altamente valorizada dentro desses padrões de etiqueta.

3.2. *O salesiano, um educador polido*

Marcados por uma concepção sobrenaturalista da existência, com ênfase no repúdio ao bem estar moderno, diversos religiosos continuaram ao longo do século XIX a manter atitudes rústicas de comportamento, pouco condizentes com a evolução social.

Dentro dessa mentalidade eclesiástica tradicional, os primeiros salesianos chamavam a atenção exatamente por se apresentarem na sociedade de forma condizente com os princípios da polidez. Em 1884 um jornalista fez questão de registrar em sua crônica a diferença desse comportamento dos discípulos de D. Bosco com relação aos outros religiosos:

«Ontem tivemos a fortuna de ver um salesiano a flunar na Rua do Ouvidor. Era um padre de boa aparência, capaz de botar na sombra a todos os barbudinhos do Castelo. Escutei-o a conversar com um oficial da marinha estrangeira.. Voz plangente, mas sem afetação.

Aquela figura, sem as vistas oblíquas do lazarista, nem a pantomina joco-séria do capuchinho, pareceu-me inimigo perigoso. Tão sério assim, e de tão discreta postura, deveria ser o mais ardiloso dos invasores»²⁴.

De fato, os salesianos tiravam das mãos dos adversários uma das principais armas de ataque: a postura reacionária e atrasada do clero. Esses novos educadores religiosos que aportavam ao país, ao invés, traziam como característica a fineza no trato com as pessoas.

Ao evocar os anos passados como aluno nas Escolas Dom Bosco de Cachoeira do Campo, em Minas Gerais, Mário de Lima dá um destaque especial ao diretor, padre Domingos Albanello, traçando dele o perfil de uma pessoa distinta no trato social:

«Empreendedor e inteligente, dotado de comunicativo entusiasmo, um *gentleman* de sotaina, afável sempre; disciplinador que sabia temperar de cordura evangélica a energia reclamada pelas suas funções; foi ele, sem dúvida, que abriu o coração mineiro a esse culto pelos filhos de Dom Bosco, tão vivo e tão sincero, desde esses dias remotos, até hoje, nas terras montanhosas»²⁵.

Como bem observa o autor, essa imagem do educador salesiano como uma pessoa marcada pela polidez na convivência em sociedade foi sendo construída

²⁴ «A Folha Nova» Ano II, 30 de dezembro de 1993, p. 1.

²⁵ Augusto de Lima Junior. *D. Bosco e sua arte educativa. Prefácio de Mário de Lima*. Niterói, Escolas Profissionais Salesianas 1929, p. VI.

desde a chegada dos primeiros discípulos de D. Bosco, não só em Minas, mas também em outras regiões do país.

3.3. *As diretrizes salesianas*

A polidez passou a ser apresentada como uma conquista do processo educativo pelos salesianos. Na introdução ao *Compêndio de civilidade*, editado pelos discípulos de D. Bosco encontra-se esta afirmação: «É preciso trabalhar nessa cruzada de boas maneiras. É preciso que cada um saiba conter o seu egoísmo e sua grosseria, de modo a tornar agradável e desejável a sua companhia e convivência»²⁶.

Insistia-se na necessidade de que os próprios mestres soubessem transferir para a prática esses ensinamentos. Essa era a finalidade principal da obra:

«Em vez de fazerem preleções, devem explicar passo-a-passo fazer dele um catecismo-cívico-moral, mandar decorar um resumo dos preceitos gerais, acompanhar a aula teórica com as lições práticas (...) Tudo isso repetido, até se formar na criança e no jovem o hábito de boas maneiras»²⁷.

Na realidade, eram muito tênues os limites entre os princípios morais e aqueles relacionados com a polidez.

O *Compêndio de Civilidade* encerra-se com uma observação final bastante expressiva, em perfeita sintonia com os valores da burguesia emergente:

«A polidez é a flor da humanidade. Quem não é bastante polido, não é bastante humano. Podemos ignorar muitas ciências e muitas artes, mas não podemos ignorar as regras da civilidade.

Vá lá que digam de nós que não sabemos grego e latim, que desconhecemos as regras da esgrima e do futebol. Não seremos, por isto, menos homens. Não permitas, porém, que possam dizer que és incivil, grosseiro e mal educado. Isso nunca!»²⁸.

Transformar a rusticidade dos alunos em polidez, nas mais diversas manifestações do comportamento diário, era uma das principais metas do projeto educativo salesiano.

4. Educação artística

A educação artística constituiu um complemento importante da formação cultural da juventude pertencente à burguesia emergente. Não bastava apenas a

²⁶ *Compêndio de civilidade para uso dos colégios salesianos*. São Paulo, Livraria Salesiana Editora 1952, p. 3.

²⁷ *Compêndio de civilidade para uso dos colégios salesianos*. São Paulo, Livraria Salesiana Editora, 1952, p. 5.

²⁸ *Ibid.*, p. 120.

exibição das boas maneiras nas relações sociais. Os jovens deviam também mostrar seus dotes artísticos. Esse aspecto foi muito mais enfatizado com relação ao gênero feminino. As meninas eram instruídas nos passos de dança, bem como aprendiam a tocar piano. As reuniões sociais constituíam a oportunidade para que essas qualidades artísticas pudessem ser exibidas.

Segundo a tradição brasileira, o piano fazia parte do mobiliário das residências das famílias abastadas, e geralmente era tocado pelas moças. O ensino do piano era uma característica dos colégios femininos.

De forma análoga, os salesianos passaram a prestigiar no processo educativo alguns elementos da arte musical e dramática.

4.1. Aulas de piano

Quando os primeiros salesianos chegaram em Niterói em 1883, a música fazia parte integrante do seu modo de viver em comunidade.

No diário de Guilherme Morrissy, um dos primeiros benfeitores da obra salesiana no Rio de Janeiro, encontra-se esta anotação significativa no dia 17 de julho: «retirei o piano da alfândega, e mandei-o para Santa Rosa». Nesse mesmo dia, os salesianos receberam a visita dos confrades vicentinos, fazendo-lhes uma acolhida festiva, «cantando e tocando» até ao anoitecer²⁹.

Desde jovens, os salesianos que tinham mais aptidão eram exercitados para tocar piano. Nos colégios, por seu turno, sempre que havia as condições adequadas, eram oferecidas aulas de piano aos alunos que desejassem.

Nos estatutos das Escolas de Dom Bosco, elaborados a partir de 1901, as aulas de piano aparecem no currículo das disciplinas como facultativas.

Nas sessões de cunho acadêmico-musical preparadas ao longo do ano escolar encontram-se com frequência números de piano executados por professores ou por alunos. Estes últimos tinham então oportunidade de exhibir publicamente o seu aproveitamento nos cursos ministrados pelo colégio.

Os salesianos tiveram sem dúvida um papel importante em difundir também entre os rapazes o apreço por essa expressão artística, contribuindo dessa forma para romper com os rígidos padrões da tradição machista luso-brasileira.

4.2. Música vocal e instrumental

Numa fidelidade aos ensinamentos de D. Bosco, a música ocupou sempre um lugar expressivo nos colégios salesianos.

Em termos de música vocal, os alunos aprendiam os mais diversos gêneros: cantos sacros para serem entoados nas cerimônias religiosas, hinos patrióticas para as manifestações cívicas, cantos amenos e recreativos na comemoração de outros eventos e festas escolares.

²⁹ Centro Salesiano de Documentação – Barbacena.

Através dos programas das solenidades realizadas nos colégios salesianos pode-se observar que a música desempenhava sempre um papel significativo no processo educativo. Nas celebrações festivas executavam-se números de canto.

Foi também muito estimulado nos colégios salesianos o aprendizado da música instrumental.

A partir de 1888 a banda passa a ser um elemento pedagógico importante não só nas festas religiosas, como também nos passeios e desfiles realizados pela cidade e seus arredores.

No Colégio do Recife a fanfarra exibiu-se pela primeira vez na festa de São Luiz, no dia 24 de junho de 1895.

Ao visitar as Escolas Dom Bosco de Cachoeira do Campo em 29 de janeiro de 1903, o presidente do Estado, Francisco Sales, foi recebido de manhã pela banda colegial, havendo nova exibição pela tarde.

Em 1906 já funcionava no Liceu São Gonçalo de Cuiabá a banda musical dos alunos. Em março de 1910 foi fundada a escola de orquestra do Liceu de São Paulo, dirigida pelo maestro Alfredo Belardi. Em outubro desse mesmo ano é organizada a orquestra do Grêmio São Paulo, entre os ex-alunos, com grande sucesso na promoção da música de salão.

Em 1911 foi inaugurado no mesmo Liceu um novo órgão, com três dias de concerto, precedidos de uma conferência sobre música sacra. Nessa época era organista do santuário Coração de Jesus o maestro João Perosino.

Na maioria dos colégios salesianos cultivava-se a música instrumental, com destaque para a banda escolar.

4.3. *O teatro educativo*

O teatro educativo teve, portanto, uma expressão significativa na pedagogia de Dom Bosco.

Como regra geral, pode-se dizer que ao longo das primeiras décadas do século XX o teatrinho continuou sendo bastante prestigiado nos colégios salesianos como elemento da atividade educacional.

As exposições teatrais realizadas nos colégios salesianos podem ser divididas em quatro categorias principais: peças religiosas, dramáticas, amenas e musicais.

As peças religiosas evocavam temas sacros, ou apresentavam figuras de santos da história do catolicismo. A apresentação desse tipo de dramas tinha uma finalidade moralista explícita, procurando indicar aos alunos exemplos de fé e de virtude.

A maior parte das peças exibidas nos colégios salesianos eram de conteúdo dramático, onde, através da representação de situações da vida, procurava-se inocular nos alunos o sentido do dever, da justiça e da bondade.

No elenco dessas peças teatrais encontram-se também comédias e farsas. Estas últimas, geralmente em um ou dois atos, eram em geral apresentadas em comemorações menores ao longo do ano letivo. Sua finalidade primordial era a di-

versão, mas envolviam geralmente um fundo moral: *ridendo castigat mores*, ou seja, tinham como finalidade última a correção dos costumes.

É interessante observar que certas peças eram exibidas na mesma época em diversos colégios salesianos, indicando que havia uma circulação de informação a respeito daquelas cuja encenação fora satisfatória.

Nos estabelecimentos educativos existem também referência à exibição de peças musicadas, do tipo operetas ou zarzuelas.

Um dos estabelecimentos salesianos onde o teatro continuou sendo muito valorizado ao longo desse período foi o Liceu Coração de Jesus em São Paulo. Assinala Manoel Isaú:

«Eram levadas à cena dramas, comédias, operetas, farsas, anedotas, bailados, monólogos, etc, e tudo isso representado por um grupo de valentes artistas dramáticos e cômicos, parte alunos e parte proveniente do Grupo Dramático Domingos Sávio da Associação dos Ex-Alunos»³⁰.

Convém destacar que no Liceu Coração de Jesus havia sido formado entre os ex-alunos o grupo teatral Domingos Sávio, o que contribuía para garantir ao longo desses anos a continuidade dos espetáculos cênicos.

Também em alguns outros colégios salesianos foram fundados grupos teatrais nessa época, merecendo referência o chamado *Quadro Dom Bosco* de Bagé.

As manifestações artísticas colegiais continuaram tendo sempre uma dimensão pedagógica.

5. Educação cívica

A finalidade principal do projeto educacional na sociedade burguesa em formação era despertar nas pessoas a consciência dos direitos do homem, acompanhando dessa forma o progressivo desenvolvimento urbano.

Paradoxalmente, no Brasil, ao longo do período em estudo, houve pouca ênfase na afirmação da liberdade pessoal. Sem dúvida, os liberais mais exaltados não deixaram de proclamar a sua necessidade. É interessante observar que quando os salesianos chegaram em Niterói a 14 de julho de 1883, a imprensa do Rio de Janeiro enaltecia exatamente a comemoração da tomada da Bastilha, dando início à Revolução Francesa.

Não obstante, predominou na educação da juventude a orientação positivista. Na afirmação dos princípios de cidadania, o grande destaque passou a ser a necessidade do cumprimento dos deveres cívicos, conforme as próprias orientações de Augusto Conte.

Entre os educadores católicos, por seu turno, os salesianos foram aqueles que mais prestigiaram a educação cívica nas primeiras décadas republicanas.

³⁰ M. ISAÚ, *Liceu Coração de Jesus...*, p. 287.

5.1. *Educação para o civismo*

Também os discípulos de D. Bosco imbuíram-se da mentalidade positivista, tornando-se promotores e arautos do culto cívico. A educação patriótica ocupava desde as primeiras décadas republicanas um lugar destacado nos colégios salesianos. No discurso de formatura pronunciado nas Escolas Dom Bosco de Cachoeira do Campo, em 24 de maio de 1904, o bacharel Herculino de Souza assinalava esse aspecto, afirmando:

«Mas a Pátria também é mãe e quer amor, a Pátria tem suas leis e quer obediência. Não devia, pois, ficar esquecida, e não ficou. Quão melindrosa é a educação, em se tratando de patriotismo! Quanta vez a mocidade sempre incauta, sincera e entusiasta, não se tem confundido com os arruaceiros na praça, quando o seu lugar era numa coluna de bravos.

Não creio que a educação deva ser destinada a sufocar essas expansões de almas ardentes (...) A educação deve somente dirigi-las, para que não se faça constituir o patriotismo na declamação das nossas riquezas (...) Também nós conhecemos os grandes homens da nossa história, e cheios de orgulho lhe repetimos os nomes»³¹.

Como se pode observar, os ensinamentos ministrados nesse estabelecimento educativo salesiano estavam em plena sintonia com a mentalidade patriótica promovida pelos líderes positivistas no governo da nação.

Numa conferência de orientação aos pais e educadores, o autor salesiano enaltecia exatamente a importância dos colégios católicos ao incentivar o civismo e o amor à pátria nos alunos: «vós podeis contemplar o garbo marcial com que aparecem em público [...] quando oos vedes agrupados ao som harmonioso de suas bandas»³².

Era um quadro bem expressivo dos desfiles cívicos realizados nos colégios salesianos.

5.2. *A instrução militar*

Um componente expressivo da educação cívica foi a abertura dos estabelecimentos de ensino para o serviço militar.

Ao determinar a instrução militar nos colégios, os salesianos tinham também em mente demonstrar às autoridades e à população seus vínculos com a realidade brasileira e com os interesses da nação. Desejavam mostrar que seus estabelecimentos educativos estavam, de fato, a serviço do país, oferecendo aos jovens uma sólida educação cívica.

³¹ *Discurso pronunciado na solene colação de grau de bacharéis em ciências e letras no Ex-Ginásio Escolas Dom Bosco (Cachoeira do Campo, Minas), em data de 24 de maio de 1904 pelo Dr. Joaquim Cândido da Costa Sena. Niterói, Escola Tip. Salesiana 1905, pp. 39-40.*

³² *Aos Pais e Educadores. Notas e Apostilas Recreativas. Niterói, Escola Tipográfica Salesiana 1918, p. 64.*

Os resultados, de fato, foram muito satisfatórios. As festas cívicas realizadas nos colégios salesianos, e os desfiles e paradas militares dos seus alunos receberam sempre ampla e positiva cobertura da imprensa. Uma análise dos inúmeros artigos publicados nesses anos mostra a simpatia com que seus redatores viam essas manifestações patrióticas, com amplos elogios à educação ministrada pelos religiosos salesianos.

Os desfiles escolares constituíam também uma espécie de cartão de visitas da obra educativa dos salesianos. Essas paradas militares tornavam-se uma valiosa amostra do trabalho realizado pelos discípulos de Dom Bosco em prol da juventude.

O garbo dos alunos, o alinhamento dos pelotões, a marcha cadenciada, a fanfarras com cornetas e tambores, a banda de música com suas peças marciais, a oficialidade com seus galões e distintivos sobre os uniformes eram elementos que atraíam a atenção do público que acorria às janelas e às calçadas quando passava o batalhão colegial. Essa atração era reforçada por se tratar de uma formação militar de meninos e jovens.

As famílias se orgulhavam de ver seus filhos desfilarem. Essas paradas pelas principais ruas dos centros urbanos constituíam uma propaganda eficaz da educação ministrada nesses estabelecimentos salesianos.

Para os próprios alunos, participar nos batalhões colegiais transformava-se em motivo de entusiasmo e orgulho. Era como se os superiores lhe oferecessem nessa oportunidade uma verdadeira promoção de status social.

Antigos alunos do Liceu recordavam com saudade esses desfiles. Em 1920 Arnaldo Silveira Avancini escrevia aos superiores do Colégio: «Oh! que saudades que tenho do Liceu! Daquele garboso regimento! Daquela belíssima banda de música! Daquele desfilar de jovens pelas ruas de São Paulo! Tudo passa pela minha mente como se eu aí estivesse».

Em carta de 18 de abril de 1921 também o acadêmico de medicina Eduardo Haj Mussi escrevia de Curitiba:

«Ainda me lembro perfeitamente de nossas festas ginásticas e militares, do nosso caro regimento, e dos inesquecíveis camaradas do 1º batalhão que tive a honra de comandar. Também não posso me esquecer das importantes paradas, dos grandiosos desfiles, das passeatas patrióticas»³³.

Não deixa de ser significativa essa forte impressão deixada nos alunos pela participação nas paradas militares.

Outro motivo da grande aceitação da instrução militar nos colégios salesianos por parte das famílias era o fato de ser o exército considerado como uma escola de ordem, de disciplina e de respeito à autoridade. Tendo vivido por séculos dentro do regime escravocrata, a educação brasileira tradicional era marcada

³³ M. ISAÚ, *Liceu Coração de Jesus...*, pp. 276-277.

por esses mesmos conceitos, altamente valorizados. Essas idéias, por seu turno, haviam sido reforçadas com a implantação do regime republicano, sob a influência do positivismo. Assim sendo, parte significativa da classe burguesa rural e urbana, em ascensão, continuava a ter essas mesmas expectativas com relação à educação a ser ministrada nos colégios católicos.

Esse grupo almejava que seus filhos se tornassem submissos e obedientes, pautando a sua conduta pelas normas estabelecidas; portanto, o colégio salesiano devia servir de reforço a essa concepção autoritária de vida social.

Por essa razão, a introdução da instrução militar no currículo escolar era bem vista por eles, sendo considerada uma das maneiras mais eficazes para formar os jovens dentro dos padrões da ordem e da disciplina. Sob esse aspecto, foi básica a colaboração oferecida pelo exército. Não eram apenas os instrutores militares que enalteciam a realização de sua missão no colégio como disciplinadores; também os superiores salesianos exaltavam a colaboração oferecida pelos representantes das forças armadas para a execução dessa tarefa. Por conseguinte, essa matriz educativa conservadora apregoada pelo exército encontrava aceitação plena tanto por parte das famílias como por parte dos superiores religiosos. Dessa forma, os educadores salesianos eram vistos como promotores da «ordem», considerada por Augusto Comte como o instrumento necessário para o «progresso» da sociedade.

6. Educação progressista

Embora a Constituição Brasileira elaborada nos primórdios da República tenha tido como fonte de inspiração os princípios liberais da nação norte americana, introduzindo-se a concepção de «Estados Unidos do Brasil», na realidade a maior influência sobre a formação social do país veio através da filosofia positivista, cuja influência marcante se pode observar no próprio dístico colocado na bandeira nacional: *Ordem e Progresso*, extraído da doutrina comteana.

O trabalho, por sua vez, foi sempre considerado também um elemento fundamental na ética burguesa, como forma de se contrapor à propalada ociosidade da antiga aristocracia. Era através do trabalho que as pessoas obtinham os meios para melhorar o bem estar pessoal e familiar; além disso, o trabalho se constituía num verdadeiro motor para o progresso social.

6.1. Educação para o trabalho

A meu ver, D. Bosco foi o fundador de congregações religiosas no século XIX que maior ênfase deu ao conceito de trabalho, como um elemento da formação espiritual dos congregados seus discípulos; ao mesmo tempo, assinalava também, de forma enfática, a necessidade de educar a juventude para o trabalho.

No Regulamento destinado aos alunos foi inserido um capítulo específico versando sobre o trabalho, iniciando com esta declaração expressiva: “O homem, meus jovens, nasceu para trabalhar”. Por isso, era necessário habituar desde cedo os meninos a esse tipo de atividade:

«Lembrai-vos que a vossa idade é a primavera da vida. Quem de moço não se habitua ao trabalho, quase sempre será um madraço até a velhice, desonrando a pátria e a família [...] Os ociosos, no fim da vida, sentirão grandíssimo remorso pelo tempo que perderam»³⁴.

Essa contraposição entre a utilidade do trabalho e os malefícios da ociosidade fazia parte da pregação progressista, tanto dos liberais como dos positivistas. Tanto os defensores da «ordem», como os propugnadores da «liberdade» não deixavam de ressaltar a importância do trabalho para o progresso da nação.

Para D. Bosco, aliás, o trabalho não constituía um fator importante apenas para a pátria, mas inclusive para a própria religião, em razão das realizações sociais por ele proporcionadas:

«pelo trabalho podeis vos tornar beneméritos da Sociedade e da Religião». Essa atividade, segundo o educador salesiano, podia ser o mais diversificada possível: «por trabalho se entende o cumprimento dos deveres do próprio estado, quer seja o estudo, quer seja uma arte ou ofício»³⁵.

Essa noção ampla de trabalho, aliás, estava inserida também no código da ética burguesa, congraçando os empresários e os operários, ou seja, os patrões e os empregados.

6.2. *Apóstolos do progresso*

O discurso salesiano favorável ao progresso favoreceu bastante a aceitação da obra de Dom Bosco.

Em seu discurso na colação de grau dos bacharéis de 1904, nas Escolas Dom Bosco, em Minas Gerais, o engenheiro Dr. Joaquim Cândido da Costa Sena enaltecia a operosidade salesiana nos trabalhos agrícolas: «o solo ressequido e recalçado, sulcado inteligentemente pelo arado do salesiano, metamorfoseou-se em flóridos jardim»; por sua vez, onde existiam outrora «as charnecas e os pântanos, onde só se aninham os germes da morte», surgia então «o formoso e fertilíssimo vale». Mas essa transformação só fora possível porque os alunos recebiam uma educação moderna, baseada nos progressos da ciência:

«Armazenaram em vossos cérebros juvenis, cheios de vida e talento, os conhecimentos da história, das línguas, das matemáticas e das ciências físicas e naturais, unindo à teoria a prática adquirida em laboratórios e gabinetes conscienciosamente organizados»³⁶.

³⁴ G. BOSCO, *Regulamento das casas...*, p. 11.

³⁵ *Ibid.*, p. 10.

³⁶ *Discurso proferido na solene colação de grau de bacharéis em ciências e letras no ex-ginásio Escolas Dom Bosco, em data de 24 de maio de 1904, pelo Dr. Joaquim Cândido da Costa Sena. Niterói, Escola Tip. Salesiana 1905, p.7.*

Os trabalhos realizados pelos alunos salesianos das Escolas Profissionais de Niterói e de São Paulo receberam diversos prêmios, por sua excelente qualidade, em exposições nacionais e internacionais.

Esse aspecto foi bem compreendido por importantes admiradores da obra de Dom Bosco. Em 1896, na conferência anual dos cooperadores do Rio de Janeiro, o bispo D. Luís Raimundo da Silva Brito desenvolveu o tema sobre Dom Bosco e as necessidades do século XIX, enfatizando a oportunidade da obra salesiana:

«O século quer ciência, e os salesianos a ministram a seus discípulos; o século quer escolas de artes e ofícios, e os salesianos as tem em suas oficinas; o século quer imprensa, e os salesianos a sustentam em suas tipografias no mais elevado grau de perfeição»³⁷.

Também o padre Júlio Maria, ao discursar em 1898 na mesma solenidade, afirmava que Dom Bosco estava dando «à nossa época, ao nosso século, à sociedade moderna modelos admiráveis na oficina, na fábrica, nas indústrias, nas profissões e artes liberais». Segundo o conferencista, Dom Bosco era não só «um dos benfeitores da humanidade, um dos atletas da civilização universal, mas também um dos promotores da civilização brasileira, que do norte ao sul do Brasil já contempla frutos benéficos de sua obra»³⁸.

Os salesianos, portanto, eram elogiados por esse esforço em acompanhar o progresso da nação.

Ao ser inaugurado em 1906 o ascensor para o monumento à Virgem junto ao Colégio Santa Rosa, o bispo Dom João Batista Nery, bispo de Pouso Alegre, escolheu como tema do discurso *Religião e Progresso*, ressaltando que a atividade salesiana era uma demonstração prática de que não se poderia estabelecer oposição entre os dois termos do binômio, pela contribuição e o estímulo dado pelos religiosos para o progresso da nação.

Em discurso pronunciado por ocasião da celebração dos 25 anos da obra salesiana no Brasil a escritora Amélia Rodrigues afirmava que os educadores salesianos constituíam «um poderoso elemento de progresso, e uma brilhante promessa de prosperidade futura». E concluía proclamando que os salesianos eram «atletas do trabalho», que imolavam suas vidas «no altar da nossa civilização»³⁹.

Com razão, portanto, ao prefaciá-lo o terceiro volume da obra *Os Salesianos no Rio de Janeiro*, o antropólogo Rubem Cesar Fernandes fazia esta observação penetrante:

³⁷ *Projeções epistolares (1883-1908)*. Niterói, Escola Tip. Salesiana 1908, p. 101.

³⁸ JÚLIO MARIA, *Dom Bosco e o Pobre*. Niterói, Escolas Tip. Salesiana 1899, p. 16.

³⁹ «Ecos Jubilares» in *Leituras Católicas*. Niterói, Escola Tip. Salesiana 1909, p. 43.

«A crônica dos salesianos não cabe em versões simplistas, que colocam o Estado de inspiração positivista do lado do progresso, e a Igreja ultramontana no lado do passado e no atraso. Antiliberais, como a maior parte do clero da época, os salesianos nem por isso deixavam de acreditar nas luzes das ciências e técnicas positivas»⁴⁰.

De modo análogo Adilson José Francisco, ao estudar a atuação dos salesianos em Mato Grosso, afirma que «a despeito da beligerância entre o mundo eclesial e a modernidade», esses religiosos conseguiram exercer sua função educativa numa «complementaridade de ação com o Estado na sua faina civilizadora»⁴¹.

Por essa razão os discípulos de Dom Bosco são designados no título dessa dissertação de mestrado como os «Apóstolos do Progresso».

Considerações conclusivas

Quando os salesianos iniciaram suas atividades educativas no Brasil, estava ocorrendo a transição de uma sociedade patriarcal, latifundiária e escravocrata para a uma sociedade urbana e letrada, marcada pelos valores burgueses da propriedade particular e do trabalho.

Por seu turno, também registrava-se nessa mesma época a queda do governo monárquico confessional, sendo implantado o Estado republicano, com sua característica leiga.

Tanto a nova sociedade burguesa como o Estado republicano viam no processo educativo da juventude um instrumento poderoso para garantir sua afirmação política. As escolas salesianas corresponderam plenamente a essas aspirações, mediante as diversas modalidades educativas.

A educação física foi promovida nos colégios salesianos através de cuidados higiênicos; também a ginástica ocupava um espaço bem definido no currículo escolar.

Foi crescendo também o interesse dos alunos por esportes de competição em grupo, com destaque para o futebol.

O civismo também ocupou um espaço significativo na educação escolar, e os desfiles pelas ruas da cidade eram eventos que evidenciavam ao público o amor à pátria de que estavam imbuídos os meninos.

Nas aulas de instrução militar, os alunos recebiam o adestramento corporal. Através dos rígidos movimentos do corpo, expressavam sua decisão de obedecer aos governantes, sem questionar as autoridades, às quais competia sobre os rumos a serem dados na condução da nação.

A escola salesiana, em modo análogo ao que ocorria nos demais estabelecimentos católicos, privilegiava as normas de ordem e disciplina. Esta era conside-

⁴⁰ Riolando AZZI, *Os Salesianos no Rio de Janeiro*. São Paulo, Ed. Salesiana D. Bosco 1983, v. 3, p. 13.

⁴¹ José Francisco ADILSON, *Apóstolos do progresso: a prática educativa salesiana no processo de modernização em Mato Grosso (1894-1919)*. Cuiabá, UFMT 1998, p. 184.

rada um elemento básico na formação da juventude; era mantida através de inúmeras determinações que regulavam cada momento e cada ação do dia. Os espaços e os tempos destinados às opções individuais eram muito restritos. A locomoção dos alunos de um ambiente para outro era sempre realizada através da organização de filas. A importância do regulamento era lembrada cada ano numa solenidade especial; enquadrar-se dentro dessas regras era fundamental para a permanência no colégio.

Sendo educadores católicos, os salesianos davam lugar de destaque à formação religiosa. Além das aulas de catecismo, era incentivada a frequência aos sacramentos da confissão e da comunhão. As festas litúrgicas eram celebradas com solenidade. Eram promovidas devoções particulares e organizadas associações religiosas. O retiro espiritual realizado anualmente era considerado um ponto alto da educação cristã.

Nos colégios salesianos, as aulas de boas maneiras faziam parte do currículo extra-escolar: eram ministradas geralmente às quintas-feiras, dia em que os alunos tinham folga de aulas. No início de cada ano, os alunos recebiam normas práticas sobre o modo adequado de vestir-se, de cuidar da higiene corporal, bem como sobre a maneira de comportar-se na relação com os superiores e os colegas. Os bons modos eram inculcados de forma constante: maneira adequada de vestir-se, de conversar, de comer, de caminhar.

A música vocal e instrumental foi muito valorizada na educação salesiana, tanto na sua expressão sagrada como profana. Em diversos colégios eram organizados corais. As bandas marciais, por sua vez, traziam um brilho especial para as manifestações patrióticas.

Nos colégios salesianos os alunos encontravam também espaço para se exercitarem nas artes dramáticas, tomando parte na exibição de peças teatrais. Por vezes eram apresentadas também zarzuelas e operetas.

Opondo-se à ociosidade, os alunos eram estimulados ao trabalho tanto material como intelectual, seja nas escolas de artes e ofícios, seja nos colégios, com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento do país.

É importante assinalar, por fim, que esse conjunto de conceitos (higiene e asseio pessoal, ordem e disciplina, urbanidade, civismo e trabalho) era plenamente valorizado pela sociedade burguesa em afirmação nos centros urbanos, bem como pelos representantes do Estado republicano. Dessa forma, os educadores salesianos passaram a ser prestigiados como importantes colaboradores do projeto destinado a conduzir a nação pela senda do progresso e da civilização.

Dentro dessa perspectiva, os discípulos de D. Bosco ocupavam posição social destacada, enquanto nesse período de transição do Império para a República, uma parte significativa do clero continuava a atuar de forma reacionária, afirmando a incompatibilidade da fé com a ciência e a modernidade.

Essa mentalidade, entretanto, começou a mudar de forma significativa a partir do início da década de vinte, quando D. Sebastião Leme assumiu as rédeas da Igreja do Brasil. A celebração do Congresso Eucarístico do Rio de Janeiro

tornou-se um marco efetivo dessa nova etapa, indicando o propósito da Igreja de um maior diálogo com a sociedade e com o Estado.

Também a Santa Sé passou a apoiar essa nova orientação; daí a designação de diversos sacerdotes da congregação de D. Bosco para o episcopado, entre os quais Francisco de Aquino Correia, Manoel Gomes de Oliveira, Helvécio Gomes de Oliveira e Henrique Mourão. Todos se tinham destacado como educadores na promoção dos valores de trabalho, ordem e progresso. Diante dos bons resultados obtidos, a Cúria Romana esperava contar com a eficiente colaboração deles em seu projeto de implantar no país o regime de uma nova cristandade, através do qual a Igreja esperava manter uma influência mais efetiva no Estado e na própria sociedade brasileira.